

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E RELAÇÕES DE GÊNERO: ANALISANDO OS ELEMENTOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Glaurea Nádia Borges de Oliveira

RESUMO

Este estudo procurou analisar o como as relações de gênero podem ser evidenciadas e problematizadas nas aulas de Educação Física, a partir de um estudo de caso realizado numa escola pública da zona leste da cidade de São Paulo, que acompanhou a prática pedagógica de uma professora de Educação Física com uma turma da 3ª série do ensino fundamental. Para a obtenção dos dados, foram adotados os seguintes procedimentos: observação das aulas, com a utilização de uma câmera filmadora e de um diário de campo para registro, e realização de um encontro reflexivo, subsidiado por um roteiro preliminar bastante flexível, por uma pré-análise construída a partir das observações e pelo recurso da autoscopia. Os resultados demonstram que as relações entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física observadas são marcadas por manifestações de poder e resistência. A forma como a professora tratou essas questões, por sua vez, apresenta-se sob um caráter ambivalente. Por um lado, suas ações procuravam dar às meninas a possibilidade de exercer sua resistência ao domínio masculino, de conviver com os meninos ao mesmo tempo em que lutavam por relações mais justas; por outro, essas mesmas ações às vezes pareciam legitimar a forma de agir dos meninos, ocultando a origem social das relações de gênero. Essa ambivalência, no entanto, não desqualifica o caráter essencialmente crítico da prática pedagógica analisada, pois a professora, além de problematizar as situações evidenciadas em aula procurando desvelar os vínculos que elas estabelecem com o meio social e cultural, demonstrou-se extremamente reflexiva e questionadora em relação ao seu próprio fazer pedagógico.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Gênero. Prática pedagógica. Esporte.

ABSTRACT

This paper aimed to analyse how the gender relations can be evidenced and problematized in the Physical Education classes. To do so, it was performed a case study in a public school of Sao Paulo, who followed the pedagogical practice of a Physical Education teacher with a class from 3rd grade. The data were produced by the following procedures: class observations and reflexive meeting. The results show that the relations between girls and boys in Physical Education classes observed are marked by demonstrations of power and resistance. The way the teacher dealt with these issues, in turn, it was show an ambivalent character. On the one hand, her actions sought to give the girls the opportunity to exercise their resistance to male domination, to live with the boys while they were fighting for fairer relations; on the other hand, these same actions sometimes seemed legitimate the action of boys, hiding the social origin of gender relations. This ambivalence, however, does not disqualify the character critical of pedagogical practice analyzed, because the teacher, besides discuss the situations evidenced in class trying to uncover the links they establish with the social and cultural environment, proved to be highly reflective and questioning about their own pedagogical practice.

Keywords: Scholar Physical Education. Gender. Pedagogical practice. Sport.

1. CONTEXTUALIXANDO A DISCUSSÃO: GÊNERO, ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

O conceito de gênero refere-se à construção social das diferenças entre homens e mulheres. Ele permite perceber que as representações e apresentações das diferenças sexuais não se limitam ao caráter biológico, mas implicam uma divisão de papéis, social e culturalmente construída, sobre essas diferenças (GONÇALVES JÚNIOR; RAMOS, 2005; LOURO, 1996). Sendo um elemento constitutivo das relações sociais estabelecidas sobre as diferenças percebidas entre homens e mulheres, o gênero também é um modo de significar as relações de poder marcadas pela dominação masculina (SCOTT, 1995). Assim, ser mulher não é apenas diferente de ser homem, como também sugere inferioridade, desvalorização, opressão.

O esporte, por sua vez, é uma instituição “generificada” e “generificadora”. Generificada porque reflete as concepções dominantes de masculinidade e feminilidade; generificadora porque contribui para a reprodução dessas concepções (SOUSA; ALTMANN, 1999). O estudo e a prática do esporte como conteúdo da Educação Física escolar não estará, portanto, imune às significações assumidas pelas relações de gênero – que são relações de poder – no contexto social e na instituição esportiva, o que quase sempre se estabelece sob a forma de conflitos.

Sousa e Altmann (1999) enfatizam a necessidade de que o gênero também seja compreendido como uma categoria relacional. Isso quer dizer que as relações sociais não se constituem somente em função do que a cultura construiu sobre as diferenças sexuais, mas a partir da associação dessa construção com diversos outros elementos, tais como raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras. Nas aulas de Educação Física, assim como em outros espaços sociais, as relações de poder que se configuram sob as significações sociais de gênero devem ser pensadas em articulação com esses outros elementos ou categorias, o que, por fim, confere uma relevância fundamental à intervenção e à postura do professor ao lidar com essas questões.

Partindo dessas premissas, este estudo buscou identificar o como as relações de gênero podem ser evidenciadas nas aulas de Educação Física de uma turma da 3ª série do ensino fundamental e de que modo elas são tratadas pela professora, a partir do trabalho pedagógico com uma manifestação da cultura corporal de extrema significação social: o esporte.

entre alguns meninos a visão de que as meninas não sabiam jogar, de que eram mais fracas. Em várias das aulas em que essa situação se fez presente, as meninas demonstraram sua insatisfação em relação a ela, recorrendo à professora. A forma como Laura problematizou essas questões, tanto a partir das reclamações das meninas quanto de suas próprias percepções, é elucidada pelo episódio descrito a seguir, os quais, embora não contemplem todas as ocasiões em que as questões/relações de gênero foram tratadas, são capazes de evidenciar e sintetizar os princípios que as caracterizaram.

Um desses episódios foi presenciado numa aula cujo tema era o futebol. Durante um momento de discussão, a professora comentou com os alunos que havia gostado da atitude de um deles, referindo-se ao fato de ele ter interrompido a atividade do seu grupo e explicado o jogo para aqueles que não sabiam. Uma das alunas que fazia parte desse grupo se manifestou: “É, mas ele falou assim: ‘vou explicar só para as meninas, que não sabem jogar’”. Laura então questionou o aluno e ele tentou argumentar. Em seguida, ela fez um questionamento à turma: “Como que a gente chama isso? Como que a gente chama quando a pessoa já põe um rótulo e fala ‘a mulher não sabe’? Por exemplo: ‘a mulher não sabe dirigir’?”. Os alunos continuaram tentando responder, mas não chegaram ao conceito a que a professora estava se referindo, embora suas hipóteses também se relacionassem a manifestações de discriminação. Diante disso, a professora concluiu: “Machismo. É igual falar ‘a mulher não sabe dirigir, dirige fogão’. Letícia comentou: “Mas os homens de hoje também dirigem fogão”. Laura: “Claro, por que não? Tem gente que acha que não, aí já é um outro preconceito também”.

Outro episódio referente à problematização das relações de gênero foi observado também durante o trabalho com o futebol, numa aula cujo jogo vivenciado foi o “bobinho”. Após observar os alunos jogarem durante um determinado tempo, Laura se aproximou de um dos grupos, cujos integrantes pareciam estar tendo problemas, e iniciou uma discussão sobre o jogo. Ana, uma das meninas que fazia parte desse grupo, queixou-se à professora, afirmando que os meninos não permitiam que as meninas tocassem na bola. Laura disse-lhe que talvez isso estivesse acontecendo porque elas não estavam se deslocando no espaço de jogo, esquivando-se do bobinho e criando possibilidades para que a bola lhes fosse passada. A aluna insistiu, reiterando o controle dos meninos em relação à bola, e eles tentaram se justificar. A professora concluiu dizendo que provavelmente o grupo estivesse encontrando dificuldades em razão da falta de habilidade que algumas meninas apresentavam, mas não fez isso de modo depreciativo. Ela afirmou que a habilidade dependia das oportunidades de realização e que talvez as meninas não tivessem tido essas oportunidades. Pediu, então, para

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas.

Por outro lado, essa justificativa pode, de certa forma, encobrir o fato de que as relações hierarquizadas entre os sexos e a distinção de papéis entre eles são construídas socialmente e que o próprio nível de habilidade das meninas, revelado nos jogos com bola, é produto dessa construção. A professora reconhece, por exemplo, que a habilidade decorre da experiência com esse tipo de atividade, das oportunidades que os alunos possam ter tido de jogar, de brincar com bola. Mas que razões explicam a oportunidade que os meninos tiveram, e as meninas não, de brincar com bola em sua experiência extraescolar? Pois são justamente as representações culturalmente constituídas acerca do que é masculino e do que é feminino que fazem com que aos meninos sejam dadas possibilidades de, desde pequenos, realizar jogos com bola e atividades que lhes exijam força e virilidade – afinal, isso é “coisa de homem” –, enquanto às meninas cabe brincar de bonecas e de brincadeiras que garantam a expressão e a preservação da delicadeza e da sensibilidade próprias da “natureza feminina”.

A maneira como Laura encarava o fato de as meninas não receberem a bola dos meninos, assim como as constantes reivindicações delas em relação a isso, também possui uma dupla perspectiva. O que mais se destaca é a sua relutância em colocar as meninas no papel de vítimas passivas e em resolver os conflitos por meio de alternativas que se caracterizassem pela boa vontade, pela piedade dos meninos em relação a elas. Isso se torna evidente pela sua constante insistência para que as meninas não esperassem simplesmente que os meninos lhes passassem a bola, para que elas buscassem legitimar o seu lugar no jogo, pois eram capazes de fazer isso. Sob essa perspectiva, é particularmente esclarecedor o episódio em que Laura chegou a vislumbrar a possibilidade de mudar as regras do jogo para favorecer a participação feminina, mas, logo em seguida, reconsiderou radicalmente sua posição.

Essa atitude de Laura, ao não permitir que a posição dos meninos continuasse a ser exaltada e a das meninas desvalorizada, pode ser considerada como uma forma fundamentalmente crítica de tratar as relações de gênero. A esse respeito, Sousa e Altmann (1999, p. 59) alegam que “[...] meninas não são vítimas de uma exclusão masculina. Vitimá-las significaria coisificá-las, ‘aprisioná-las pelo poder’, desconsiderando suas possibilidades de resistência”. A postura da professora também encontra respaldo nos argumentos dessas autoras sobre a modificação das regras de um jogo para evitar que as meninas sejam excluídas, o que, segundo elas, acaba reforçando a ideia de que as meninas são mais fracas e

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na Educação Física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009c.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco N. S. **A Educação Física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta (Org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 7-18.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão; LAROCCA, Priscila. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 419-433, set./dez. 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.